

GEORGES SIMENON

A dançarina do cabaré

Tradução
André Telles



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited
GEORGES SIMENON ® Simenon.tm
MAIGRET ® Georges Simenon Limited
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
La Danseuse du Gai-Moulin

Projeto gráfico
Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Huendel Viana
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simenon, Georges, 1903-1989.
A dançarina do cabaré / Georges Simenon ; tradução
André Telles – 1ª ed. – São Paulo : Companhia das Letras,
2015.

Título original: La Danseuse du Gai-Moulin.
ISBN 978-85-359-2518-0

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2.
Romance francês I. Título.

14-11582

CDD-843.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura francesa 843.0872

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. Adèle e seus amigos 7
2. A caixinha 19
3. O homem de ombros largos 32
4. Os fumadores de cachimbo 45
5. Acareação 56
6. O fugitivo 71
7. A viagem insólita 83
8. No bar de Jeanne 94
9. O informante 108
10. Dois homens no escuro 120
11. O principiante 132

1. Adèle e seus amigos

– Quem será?

– E eu lá sei! É a primeira vez que aparece – disse Adèle, exalando a fumaça do cigarro.

E, descruzando preguiçosamente as pernas, ajustou o cabelo nas têmporas e mergulhou o olhar num dos espelhos que forravam a sala para certificar-se de que a maquiagem não escorrera.

Estava sentada num tamborete de veludo grená, diante de uma mesa com três cálices de vinho do porto. Tinha um rapaz à sua esquerda e outro à sua direita.

– Me dão licença, queridinhos?

Dirigindo-lhes um sorriso gentil e confidencial, levantou-se, atravessou a sala requebrando o quadril e acercou-se da mesa do recém-chegado.

A um sinal do dono, os quatro músicos do dia acrescentaram suas vozes às dos instrumentos. Um único casal dançava: uma funcionária da casa e o dançarino profissional.

Como quase todas as noites, reinava uma impressão de vazio. Era uma sala ampla. Os espelhos que cobriam as paredes

alongavam ainda mais as perspectivas, quebradas apenas pelos tamboretos vermelhos e o mármore lívido das mesas.

Os dois jovens, que não tinham mais Adèle entre si, se reaproximaram.

– Ela é maravilhosa! – suspirou Jean Chabot, o mais moço, que fingia examinar a sala por entre pestanas semicerradas.

– E que temperamento! – reforçou o amigo Delfosse, apoiado numa bengala com castão de ouro.

Chabot devia ter pouco mais de dezesseis anos. Delfosse, mais magro, enfermiço, traços irregulares, ainda não completara dezoito. Contudo, teriam protestado com indignação se alguém lhes dissesse que não conheciam todos os prazeres da vida.

– Ei! Victor!

Chabot chamou com intimidade o garçom que passava.

– Conhece o sujeito que acabou de chegar?

– Não! Mas pediu champanhe...

E enquanto espiava, comentou:

– Adèle já se apresentou!

Afastou-se com a bandeja. A música calou-se por um instante, para voltar num ritmo de *boston*. O dono do cabaré, à mesa do cliente sério, abria pessoalmente a garrafa de champanhe, cujo colarinho ele engravatara com um guardanapo.

– Acha que vão fechar tarde? – indagou Chabot, num fio de voz.

– Duas... duas e meia... como sempre!

– Que tal outra bebida?

Estavam nervosos. Principalmente o mais moço, que com as pupilas imóveis passeava os olhos pelas mesas.

– Quanto ele deve ter?

Delfosse deu de ombros e esbravejou:

– Não consegue ficar calado!?

Praticamente em frente a eles, viam Adèle, sentada à mesa do cliente desconhecido que pedira champanhe. Era um ho-

mem na casa dos quarenta anos, cabelos escuros, pele fosca, romeno, turco ou algo parecido. Usava uma camisa de seda cor-de-rosa. Um graúdo brilhante lhe espetava a gravata.

Não demonstrava o menor interesse pela dançarina que se dirigia a ele, rindo e se debruçando em seu ombro. Quando ela pediu um cigarro, estendeu-lhe uma cigarreira de ouro e continuou a olhar para a frente.

Delfosse e Chabot não falavam mais. Fingiam desdém pelo estranho. E não obstante, admiravam, intensamente! Não perdiam um detalhe. Estudavam o estilo do nó da gravata, o corte do terno e até mesmo o gestual do bebedor de champanhe.

Chabot usava um terno comprado pronto e sapatos que já haviam merecido duas solas. As roupas de seu amigo, num tecido melhor, não combinavam. Verdade que Delfosse tinha ombros estreitos, um peito afundado, uma silhueta indecisa de adolescente velho.

– Mais um!

O reposteiro de veludo que guarnecia a porta da entrada se erguera. Um homem entregava seu chapéu-coco ao serviçal e permanecia imóvel por um momento, tirando uma impressão geral da sala. Era alto, pesado, grandalhão. Seu semblante aparentava placidez e ele nem sequer escutou o garçom lhe indicando uma mesa. Sentou-se no primeiro lugar que viu.

– Cerveja?

– Só inglesa... *Stout, pale-ale, scotch-ale...*?

E o outro deu de ombros para exprimir que aquilo lhe era completamente indiferente. A animação não era maior que a de antes e de todas as outras noites. Um casal na pista. O jazz que se ouvia apenas como som de fundo. No bar, um cliente vestido com apuro batia um pôquer de ases com o patrão.

Adèle e o estranho, que continuava a ignorá-la.

A atmosfera de uma boate de cidade pequena. Num certo momento, três homens embriagados levantaram o reposteiro.

O patrão se precipitou. Os músicos fizeram o impossível. Mas eles partiram e ouviram-se gargalhadas se afastando.

À medida que o tempo passava, Chabot e Delfosse se tornavam mais graves. Era como se o cansaço esculpisse suas feições, imprimindo em suas peles uma cor feia e cinzenta, instalando-lhes olheiras.

– Acha mesmo? – questionou Chabot, tão baixo que seu companheiro mais adivinhou do que ouviu.

Nenhuma resposta. Dedos a tamborilar no mármore da mesa.

Apoiada no ombro do estranho, Adèle às vezes voltava os olhos para os dois amigos, sem desfazer o semblante dengoso e quente que adotara.

– Victor!

– Já vai? Algum compromisso?

Enquanto Adèle bancava a sedutora, ele se fazia de misterioso, excitado.

– Amanhã acertamos o resto, Victor! Estamos sem trocado...

– Está bem, senhores! Boa noite, senhores! Vão sair por aqui?

Embora não estivessem embriagados, os dois rapazolas efetuaram sua saída como se num pesadelo, sem olhar para nada.

O Gai-Moulin tem duas portas. A principal dá para a Rue du Pot-d'Or. É por ela que os clientes entram e saem. Contudo, depois das duas da manhã, quando pelas normas da polícia o estabelecimento deveria fechar, entreabre-se uma portinhola de serviço, num beco mal iluminado e ermo.

Chabot e Delfosse atravessaram a sala, passaram em frente à mesa do estranho, retribuíram o boa-noite do dono e empurraram a porta do banheiro. Detiveram-se ali por alguns segundos, sem entreolhar-se.

– Estou com medo... – balbuciou Chabot.

Via-se num espelho oval. O jazz os perseguia em surdina.

– Depressa! – disse Delfosse, abrindo uma porta que dava para uma escada escura, onde reinava um frio úmido.

Era a adega. Os degraus eram de tijolo. Um cheiro enjoativo de cerveja e vinho subia do porão.

– E se aparecer alguém?

Chabot quase tropeçou, pois a porta se fechara, cortando bruscamente a luz. Suas mãos apalpavam a parede cheia de remendos. Alguém roçou nele e ele estremeceu, mas era apenas o amigo.

– Pare de se mexer! – este ordenou.

Não ouviam propriamente a música. Presumiam-na. Percebiam sobretudo a vibração das batidas do bumbo. Era um ritmo que se espargia no ar, evocando a sala dos tamboretos grenás, copos a tilintar, a mulher de cor-de-rosa dançando com seu par de smoking.

Fazia frio. Chabot sentia a umidade penetrá-lo e foi obrigado a prender um espirro. Passou a mão na nuca gelada. Ouvia a respiração de Delfosse.

Os bafejos exalavam relentos de tabaco.

Alguém foi ao banheiro. A torneira funcionou. Uma moeda caiu no pires.

Havia também o tique-taque de um relógio no bolso de Delfosse.

– Acha que conseguiremos abrir?

O outro beliscou-lhe o braço para fazê-lo calar. Seus dedos estavam frios.

No cabaré, o dono devia interrogar o relógio com impaciência. Quando havia gente e entusiasmo, ignorava o horário e não ligava para os esperneios da polícia. Quando o cabaré estava vazio, em contrapartida, dava subitamente para respeitar as normas.

– Hora de fechar, senhores! Duas horas!

Os rapazes, no porão, embora não escutassem, visualizavam minuto a minuto tudo que acontecia. Victor, no caixa, iria em seguida até o balcão do bar para fazer as contas com o patrão, enquanto os músicos guardariam de volta os instrumentos em seus estojos, o bumbo sendo vestido com uma flanela verde.

O outro garçom, Joseph, empilhava as cadeiras sobre as mesas e recolhia os cinzeiros.

– Estamos fechando, cavalheiros! Vamos, Adèle! Ande depressa!

O dono do cabaré era um italiano atarracado, que trabalhara em bares e hotéis de Cannes, Nice, Biarritz e Paris.

Passos no banheiro. É ele quem fecha a portinha que dá acesso ao beco. Gira a chave uma vez, mas deixa-a na fechadura.

Não virá, mecanicamente, fechar a adega ou dar uma espiada? Faz uma pausa. Deve estar no espelho, acertando a risca do cabelo. Tosse. A porta da sala range.

Em cinco minutos, tudo estará terminado. O italiano, último a sair, terá arriado as persianas da fachada e, já na rua, trancará a última saída.

Ora, ele nunca leva todo o conteúdo do caixa. Só mete na carteira as notas de mil francos. O resto fica na gaveta do bar, gaveta cuja fechadura é tão frágil que um bom canivete é suficiente para arrebentá-la.

Todas as luzes são apagadas.

– Venha! – murmura a voz de Delfosse.

– Ainda não... Espere...

Agora são os únicos no cabaré; ainda assim, porém, continuam a sussurrar. Não se veem. Ambos sentem que estão lívidos, tensos, com a boca seca.

– E se ficou alguém?

– Por acaso eu tive medo quando se tratava da caixa-forte do meu pai?

Delfosse está ríspido, quase ameaçador.

– Pode ser que não tenha nada na gaveta.

É uma espécie de vertigem. Chabot sente-se mais nauseado do que depois de uma bebedeira.

Agora que penetrou naquela adega, não tem mais coragem de sair. Seria capaz de desabar nos degraus e explodir em soluços.

– Vamos!

– Espere! Ele pode voltar...

Passam-se cinco minutos. Mais outros cinco minutos, porque Chabot tenta ganhar tempo de tudo que é jeito. Seu sapato está desamarrado. Ele o amarra, sem enxergar nada, pois tem medo de cair e fazer barulho.

– Julgava-o menos covarde. Vamos! Passe...

Pois Delfosse não quer ser o primeiro a sair. Com as mãos trêmulas, empurra o companheiro à sua frente. A porta da adega está aberta. Uma torneira corre no banheiro. O ambiente recheado a sabonete e desinfetante.

Chabot sabe que a outra porta, a que dá para a adega, vai ranger. Espera o rangido. E, não obstante, suas costas estão geladas.

No escuro, parece amplo feito uma catedral. A impressão é de um vazio imenso. Lufadas de calor continuam emanando dos aquecedores.

– Luz! – sussurra Chabot.

Delfosse risca um fósforo. Param um instante, para recobrar o fôlego e estudar o trajeto a ser percorrido. De repente, o palito de fósforo cai, enquanto Delfosse dá um grito lancinante e se arroja na direção da porta do banheiro. Na escuridão, não a encontra. Retorna, esbarra em Chabot.

– Depressa! Vamos dar o fora!

São grunhidos.

Chabot, por sua vez, percebeu alguma coisa. Mas não viu direito... Um corpo estendido no chão, próximo ao balcão do bar... Cabelos bem pretos...

Não ousam mais se mexer. A caixa de fósforos está no chão, mas não a veem.

– Seus fósforos!

– Não estão mais comigo...

Um deles esbarra numa cadeira. O outro pergunta:

– É você?

– Por aqui! Estou na porta...

E a torneira aberta. Já é um alívio. Uma primeira etapa rumo à libertação.

– E se acendêssemos a luz?

– Enlouqueceu?

As mãos tateiam, procuram o trinco.

– É duro...

Passos, na rua. Eles não se mexem. Esperam. Cacos de frases:

– ... pois eu penso que se a Inglaterra não tivesse...

As vozes se afastam. Talvez guardas discutindo política.

– Não vai abrir?

Delfosse, contudo, não é mais capaz de um gesto. Está apoiado na porta e aperta o peito arfante com ambas as mãos.

– ... ele estava com a boca aberta... – gagueja.

A chave gira. Ar. Reflexos da luz de um poste nos paralelepípedos do beco. Ambos sentem vontade de correr. Não pensam sequer em fechar a porta.

Um pouco adiante, dobrando a esquina, fica a Rue du Pont-d'Avroy, apinhada de gente. Eles não se olham. Chabot sente o corpo vazio, como se avançasse frouxamente num universo de algodão. Os próprios sons vêm de muito longe.

– Acha que ele está morto? É o turco?

– É ele! Reconheci na hora. Aquela boca aberta... E um olho...

– Como é que é?

– Um olho aberto, o outro fechado.

E irritado:

– Que sede!

Estão na Rue du Pont-d'Avroy. Todos os cafés estão fechados. O único estabelecimento aberto é uma taberna, onde servem canecas de cerveja, mariscos, arenques ao vinagrete e batatas fritas.

– Que tal?

O cozinheiro todo de branco acende o fogão. Uma mulher comendo num canto dirige um sorriso convidativo aos dois amigos.

– Cerveja! E fritas! E mariscos!

Depois dessa primeira leva, repetem. É a fome. Uma fome extraordinária. E já estão na quarta caneca!

Continuam evitando se encarar. Comem vorazmente. Do lado de fora, na penumbra, raros pedestres caminham depressa.

– Quanto é, garçom?

Nova angústia. Terão dinheiro suficiente para pagar o que consumiram?

– ... sete mais dois e cinquenta mais três e sessenta mais... dezoito e setenta e cinco!

Sobra exatamente um franco para a gorjeta!

As ruas. As persianas descidas das lojas. Os bicos de gás e, ao longe, passos de uma patrulha. Os dois rapazes atravessam o Meuse.

Delfosse não diz nada, olha fixamente à sua frente, a cabeça tão distante da realidade do momento que não ouve o chamado do colega.

E Chabot, para não ficar sozinho, para prolongar o convívio tranquilizador, segue até a porta de uma casa confortável, na rua mais bonita do bairro.

– Ande um pouco comigo... – ele então implora.

– Não... Estou enjoado...

É a palavra. Enjoados, os dois. A despeito de ter apenas entrevisto o corpo, a imaginação de Chabot trabalha.

– Era mesmo o turco?

Chamam-no de turco porque não sabem seu nome. Delfosse não responde. Introduziu a chave na fechadura sem ruído. Na penumbra, vê-se um corredor largo, decorado com um porta-guarda-chuvas de cobre.

– Até amanhã...

– No Pélican?

Mas a porta já se move, vai fechar. Agora, a vertigem. Estar em casa, na cama! Será mesmo o fim daquela história?

E Chabot, sozinho no bairro deserto, aperta o passo, corre, vacila nas esquinas das ruas, precipita-se feito um louco. Na Place du Congrès, foge das árvores. Diminui o ritmo ao pressentir um transeunte ao longe. Mas o desconhecido toma outra direção.

Rue de la Loi. Sobrados. Uma soleira de porta.

Jean Chabot procura a chave, abre, acende a luz, caminha em direção à porta de vidro da cozinha, onde o fogo ainda não terminou de apagar.

É obrigado a retornar porque se esqueceu de fechar a porta da entrada. Faz calor. Há, sobre a toalha impermeável branca da mesa, um papel com algumas palavras a lápis:

Deixei uma costeleta no guarda-louças e um pedaço de torta no armário. Boa noite.

Pai

Jean olha tudo aquilo com estupor, abre o guarda-louças, percebe a costeleta, e só de olhar sente engulhos. Sobre o móvel, um vasinho com uma planta parecida com pimpinela.

É que a tia Maria veio! Quando ela aparece, traz sempre uma

planta qualquer. Sua casa, no Quai Saint-Léonard, é um jardim botânico. E, de brinde, ela dá minuciosos conselhos sobre a maneira de cuidar.

Jean apagou a luz. Tira os sapatos e sobe a escada. No primeiro andar, passa em frente aos quartos dos pensionistas.

No segundo andar, ficam as mansardas. A friagem entra pelo teto.

Ao chegar ao corredor, um estrado range. Alguém acordou, seu pai ou sua mãe. Ele abre a porta.

Mas uma voz ressoa, ao longe, abafada:

– É você, Jean?

Vamos! Precisa dar boa-noite aos pais. Entra no quarto deles. Há cheiro de mofo. Já estão dormindo há horas.

– Um pouco tarde, não acha?

– Mais ou menos...

– Você deveria...

Não! Seu pai não tem coragem de repreendê-lo. Ou então sabe que não adiantaria nada.

– Boa noite, filho.

– Está frio lá fora...

– Achou a costeleta? Foi a tia Maria que trouxe a torta.

– Já tinha comido, com meus amigos.

Sua mãe se volta, imersa no sono, e sua touca se achata sobre o travesseiro.

– Boa noite...

Ele não aguenta mais. Em seu quarto, nem sequer acende a luz. Joga o paletó em qualquer lugar e deita na cama, afundando a cabeça no travesseiro.

Não chora. Não conseguiria. Tenta respirar. Todos os seus membros tremem e o corpo é sacudido por longos calafrios, como se incubasse uma grave doença.

Tudo o que não queria era que o estrado rangesse. Reprime o soluço que sente armar-se na garganta, pois visualiza o pai,

que praticamente não dorme, deitado no quarto ao lado, à espreita.

Uma imagem cresce em sua cabeça, uma palavra ressoa, se expande, ganha proporções monstruosas, sente-se esmagado por ela: o turco!

E isso fervilha, pesa, oprime, comprime-o de todos os lados até a janela inclinada despejar o sol e o pai de Jean, em pé junto à cama, murmurar, temendo ser demasiado severo:

– Não deveria se comportar dessa forma, meu filho! Porque bebeu de novo, não foi? Nem sequer tirou a roupa!

E o cheiro do café e dos ovos com bacon sobe do rés do chão. Caminhões passam na rua. Portas batem. Um galo canta.